

A Lascívia da Pobreza: entre a luxúria e a fome, a *inventio* no poema “A lenda da Prostituta Evlyn Roe”

Antonio Marcos Conceição
Mariane Brotto dos Santos

Na retórica clássica, diferentemente das ciências e das artes, a invenção é um dos passos para a construção de um discurso e tem a finalidade de buscar os elementos que servirão de prova às alegações trazidas à tona. De acordo com Tringali (1988), o problema central desse processo de invenção está em encontrar as provas e, na sequência, justificá-las, pois o objetivo de um discurso, independentemente da temática envolvida, é encontrar adesão do auditório.

Para produzir essas provas, ainda de acordo com Tringali (1988), podemos proceder de duas maneiras. A primeira é por meio de operações internas da mente humana, que, construídas por raciocínios lógicos, resultará, a partir de pressupostos e investigações sobre as suas validades, em uma conclusão formal, geralmente, com a sinalização de um único desenlace possível. A segunda é por meio da intuição. Diferentemente da primeira, são construídas dentro de um processo dialético que poderá resultar em mais de uma conclusão.

No presente trabalho, daremos ênfase ao processo intuitivo da invenção, ou seja, não pretendemos chegar a uma única conclusão, mas tão somente mostrar um viés possível ao ato de encontrar e justificar os elementos que fundamentam o discurso.

Para chegar a esse resultado, faremos uma exposição do conceito aristotélico de lugar-comum, o qual permitirá demonstrar quando determinadas intuições podem ser verossímeis. Para materializar esse conceito, aplicaremos seus pressupostos na análise do poema “A lenda da prostituta Evlyn Roe”, com o objetivo de demonstrar como a dicotomia da imagem feminina, que se divide entre a beata e a prostituta, tornou-se lugar-comum aristotélico e fundamento dos argumentos que se revelam na linguagem.

Lugar comum de Aristóteles

Aristóteles criou uma disciplina específica para estudar a invenção com o objetivo de encontrar os lugares (*topoi*) de onde se tiram as provas (Ferreira, 2017). Assim, os lugares são depósitos de argumentos que estão à disposição do orador para uso no discurso. Os lugares se constituem em elementos do raciocínio provável,

e se distribuem em alguns tipos de argumentos padronizados, caracterizados por palavras ou expressões que podem ter a validade de uma premissa provável, ou um silogismo. Os lugares são comuns porque estão disponíveis para qualquer causa, ou para qualquer pessoa que os pretendam usar. Ainda mais, são gerais aqueles próprios de várias áreas do conhecimento, e são específicos os que são próprios de determinadas áreas do conhecimento.

Por conseguinte, no sentido aristotélico do termo, a expressão lugar comum designa um argumento construído anteriormente, e que se encontra disponível para ser usado pelo orador. É nesse sentido que o termo deve ser entendido na análise dos argumentos empregados em um discurso. O filósofo grego, ainda, mencionava uma série de lugares, como o da casualidade, da espécie, da diferença, do possível e do impossível, da definição do acidente, da propriedade.

Dada multiplicidade e a dificuldade na distinção de todos os lugares, e o alcance do presente trabalho, duas categorias assumem maior relevo: os lugares da quantidade e os da qualidade. Os lugares da quantidade são lugares-comuns e indicam que alguma coisa deve ter preferência em vez de outra, por ser melhor em razão da sua quantidade. Os lugares da qualidade, por sua vez, têm a função de contestar os lugares da quantidade, como é o caso da “qualidade de um ente ou de um objeto ser único e a relação que com ele se estabelece”¹

Perelman e Tyteca (2005) consideram os lugares como premissa maior dos silogismos, pois representam um opinião ampla e geral, aceita por todos. Dessa forma, analisamos a seguir a evolução do estereótipo da imagem da mulher, e como ele se tornou um lugar comum que é a fonte dos argumentos do autor do poema objeto do presente estudo.

A perpetuação da imagem feminina ligada à luxúria e ao pecado

A imagem negativa ligada à mulher tem sido objeto de reflexão e já foi explanada em vários trabalhos acadêmicos. Também, as mais variadas formas de expressão artística retratam a imagem feminina, ora ligada à beleza, com mais ênfase na sexualidade, ora ligada à maldade e à luxúria, indutoras da perdição.

O ataques e injúrias praticadas contra as mulheres são recorrentes e se revelam nos discursos que criaram e consolidaram um estereótipo feminino que generaliza uma representação social valorizada a partir do que homens e mulheres devem ser, fazer ou aparentar. A partir da formulação de um conjunto de crenças, como a prescrição e regras de comportamento, consolidou-se um estereótipo que representa a mulher de forma generalizada acerca de atributos pessoais que resultaram em crenças individuais, ou partilhadas, sobre a inferioridade feminina em relação ao universo masculino, e que tem como pretensão autorizar um tipo de comportamento que

1 Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005, p. 102)

divide as opiniões e servem de fundamento para atos discriminatórios e abusivos em relação às mulheres.

Esse estereótipo da mulher é objeto de estudo e produção de trabalhos nas mais variadas formas de comunicação.

Na antiguidade (David, 2003), a mulher se apresentava como uma deidade, ligada ao sagrado poder da fertilidade e concepção. Com o passar dos séculos, as mudanças nas relações de poder, atreladas a uma religiosidade severa, estabeleceram a dominação do homem sobre a mulher, bem como condicionaram as representações em torno do feminino e levaram ao estigma das mulheres dentro do modelo patriarcal que foram impressas nas mais variadas formas de expressões artísticas, tais como a literatura, a música, e o teatro, fato comum atualmente. Assim, é necessário conceituar o imaginário social feminino e como se deu a sua criação.

Na cultura ocidental, é possível encontrar a partir dos escritos de Santo Agostinho de Hipona a formulação do conceito de “pecado original”, praticado por Adão e Eva. Agostinho associou o pecado à culpa que todo ser humano teria herdado depois que Adão e Eva sucumbiram à tentação do Diabo. Em suas Confissões², o filósofo cristão neoplatônico atribuiu o início da sua enfermidade a muitos pecados que se iniciaram com a prática do pecado original.

Desde que se instaurou a crença da maldade feminina, a partir da tese de que Eva foi criada a partir de uma costela recurva, contrária à retidão que se exigia do homem, dividiu-se a imagem das mulheres entre as conventuais e as libertinas. As primeiras, consideradas castas, que em seus votos religiosos padeciam da mesma piedade e misericórdia Mariana, e se enclausuravam para orar pelos pecadores, e as outras. Estas eram vistas como “erradas”, miseráveis e ignorantes, embebedas na concupiscência, destinavam os seus corpos à satisfação dos clérigos e senhores, em troca de pão e subsistência. Consequentemente, o milagre da vida e da sobrevivência era obtido às custas de relações insalubres, vis e pecaminosas, muito distantes do ideal de amor e de caridade difundidos pela Santa Sé. Assim, quando não acediam aos desejos masculinos, eram consideradas bruxas, e queimadas nas fogueiras³.

Essa doutrina se aprofundou nos períodos das Santas inquisições. A primeira, nos séculos XIII e XIV, e a segunda, a mais feroz, do século XV ao XIX, com a implacável caça às bruxas, nuas montadas em vassouras, com o fogo no vente, espalhando o terror. O próprio termo feminino é derivado do latim “fe minus”, que significa menos fé⁴.

Alvos de toda sorte de impropérios, rotuladas como limitadas, incapazes, sujas, inferiores e aliadas do demônio, com a missão maligna de corromper os homens; as mulheres foram, e ainda são, instrumentos de desejo e repulsa dentro do patriarcado. Trasmudaram de símbolos da criação e nutrição da vida reservadas às grandes deusas nas antigas religiões, para coadjuvantes impuras no Cristianismo, ventres de aluguel para a semente masculina.

2 Agostinho Santo (2001)

3 Larocca, 2021

4 <https://pt.glosbe.com/la/pt/fe%20minus>

Instituído esse discurso, as mulheres viveram, e muitas ainda vivem, em uma constante e inconsciente busca de sacrifício, autoanulação e submissão, como forma de remir os pecados atribuídos a si, como sucessoras de Eva. Dessa forma, criou-se um paradigma que passou da mulher considerada a fonte da vida para a mulher culpada pelo pecado original, e que fez o homem ser expulso do paraíso. A instituição dessa crença consolidou a ideia de que o corpo feminino foi criado para servir ao homem e a relação da mulher com o seu corpo foi distorcida e envolta por moralismo, repressão e superstições.

A esse respeito, a pesquisadora Carloto esclarece que a sociedade está condicionada a atribuir diferentes papéis e responsabilidades, a depender do gênero do seu receptor, tarefa considerada natural e que permeia um universo de desigualdades sociais e estereótipos ao longo de grande parte da história da humanidade. Segundo aponta a autora, a distribuição de responsabilidades “são alheias às vontades das pessoas”⁵, distribuídas segundo critérios sexistas, classistas e racistas

Autores como Pesavento (1995) discorrem sobre o imaginário que habita o campo das representações e, portanto, atua como uma forma de expressão de ideias e pensamentos que se traduzem em discursos e/ou imagens que se propõem a indicar uma aceção da realidade. Por sua vez, Roger Chartier (1990) entende por representações as formas como o mundo social é idealizado a depender dos interesses de certos grupos sociais que a instituíram, frutos dos saberes sociais que auxiliam na interpretação e sentido da realidade social. Dessa forma, as representações sociais permeiam os discursos e são divulgadas por meio da oralidade e da criação de imagens. De maneira mais pragmática, Robert Muchembled (2001) define o imaginário social como um tipo de fenômeno coletivo que é construído com base em uma certa realidade e que se constrói a partir da disseminação de ideias a partir de diversas formas de expressão existentes no mundo contemporâneo.

Ao longo dos séculos, a forma como a imagem da mulher foi retratada impactou sobremaneira na criação dos papéis de gênero e relações sociais de dominância e submissão, com a cristalização da posição de poder do homem, que se imbricou em um imaginário social feminino, como é o caso, por exemplo, dos meninos que são incentivados a manifestar agressividade durante as brincadeiras⁶, e o papel de submissão atribuído às meninas, criadas para serem mães e donas de casa. Ao buscarmos elementos na Idade Média, deparamo-nos com a construção dos discursos religiosos e clericais que sedimentaram uma ideia sobre a representação feminina, e, com isso, condicionaram séculos de tratamento opressivo e controlador.

A imagem da mulher passou a ser intrinsecamente ligada à sua infame predecessora, Eva, irrogada pelo padecimento da humanidade, demonizada, sexualizada e condenada a uma suplicante e eterna busca por redenção e submissão. Sobre isso,

5 Carloto (2001, p.202)

6 Nader (2002, p.473)

Bloch bem esclarece: “Povo de crentes, diz-se facilmente, para caracterizar a atitude religiosa da Europa Feudal”⁷

Mas, vejamos que, se, por um lado, a mulher estava condenada a uma vida de humilhações e expurgos, por descender da criação maculada, por outro, a Igreja buscava reafirmar o modelo mariano, à exemplo de Maria, mãe de Jesus, que projetava uma imagem de mulher ilibada e casta, referencial de pureza e correção. Era este o arquétipo que possibilitava às mulheres uma remissão do Pecado Original e as conduzia em busca da salvação e (re) ingresso no paraíso. Esta dicotomia entre “a mulher santificada” e “a mulher condenada”, que nasceu com o cristianismo, alicerçado no livro bíblico de Gênesis, reforça a submissão da mulher ao descender da costela do homem, e que segue reproduzida e enraizada até dos dias de hoje na sociedade.

Bloch (1995) reafirma a criação da imagem feminina a partir de Eva, um subproduto do homem — este gerado de um sopro de IAWEH Deus— nascida de sua costela e enganada pela serpente, ratifica a sua relação com a carne e o pecado e com a ignorância e estupidez; mundana em sua essência, enquanto o homem se posta próximo ao ideal divino e espiritual de existência e racionalidade.

Para Georges Duby (2001), durante o período medieval, o celibato clerical impulsionou o discurso demonizador proferido contra as mulheres. Estas eram tidas como instrumentos de tentação de Satã para seduzirem padres e bispos e condená-los ao inferno dos pecadores. Por esses motivos, o casamento é institucionalizado, e utilizado pela Santa Igreja para defender os homens da lascívia feminina, subjugando-as a um contrato de submissão e mansidão, ao seu esposo, por toda a vida, embora a Igreja incentivasse fortemente às mulheres a seguirem o exemplo de Maria Santíssima e se mantivessem puras, em matrimônio com Cristo, seguindo o caminho do claustro.

Entre Eva e Maria, mãe de Jesus, encontrava-se Maria Madalena, que de certa forma reunia os atributos de ambas, e se aproximava da condição de mulher real e não santificada — uma vez que, biologicamente não é possível conceber e manter-se virgem—, aquela que, ainda que pecadora, ao seguir o caminho de Jesus, arrependeu-se de seus pecados carnis e foi salva. A partir de então, torna-se instrumento de redenção a ser seguido por todas as outras mulheres, pecadoras como ela que desejam alcançar a salvação.

Mise en Place do Pecado – A inventio em: A Lenda da Prostituta Evlyn Roe

O lugar do feminino na sociedade pode ser identificado por meio de sua projeção cultural. Esse retrato expressa os conceitos adquiridos do imaginário social e os devolve em forma de realidade social e reprodução de comportamento. Com efeito, trata-se da construção histórica por meio de expressões negativas que consolidaram

7 Bloch (1995, p. 104)

a construção de uma imagem feminina estrutural que orienta o comportamento negativo em relação às mulheres.

Analisamos o poema intitulado “*A Lenda da Prostituta Evlyn Roe*”, de autoria de Bertold Brecht ,para que melhor possamos compreender o processo de *inventio* do autor que buscou fundamentos na imagem feminina que se consolidou discursivamente ao longo do tempo, e se tornou como um lugar comum próprio da crença que se formou com o discurso dominante.

O poema, escrito no início do século XX, retrata a figura da mulher beata, oprimida e pobre, que aceitava entregar o próprio corpo ao capitão de um navio em troca de uma passagem com destino à Terra Santa, uma vez que a sua alma já estava encomendada à Jesus. O texto revela o lugar da quantidade para se referir implicitamente à pouca roupa, e aos cabelos abundantes, conforme denota as expressões “usava um pano sobre o corpo, que era bonito, bem vistoso” e “exceto o cabelo generoso” que era considerado instrumento de sedução, portanto, um lugar comum de onde se extraiu o argumento para apontar comportamentos lascivos e vulgares das mulheres.⁸

Infere-se que devido à beleza, um lugar da qualidade ligado ao estereótipo comportamental da mulher, o capitão se sentiu confortável para ofertar o convite de transporte, que foi aceito, pois evidente estava que a passageira não tinha recursos para pagar, portanto, opõe o lugar da quantidade, representado pela escassez de recursos. Assim, subentende-se que ofertava o uso do seu corpo em pagamento devido à imagem feminina consolidada nas crenças masculinas. Portanto, o homem não demonstrava partilhar da mesma fé de Evlyn Roe ao sugerir que seu corpo fosse utilizado como moeda de troca, já que o senhor dela não poderia pagar pela viagem por já estar morto.

O autor segue com a narrativa de fatos que apontam similaridades entre a relação da personagem com a realidade vivida por milhares de mulheres que durante a história se prostituíram ou foram prostituídas para sobreviver:

Quando veio a primavera e o mar ficou azul
Ela muito inquieta ficou
A bordo chegou com o último barco
A jovem Evlyn Roe.
Usava um pano sobre o corpo
Que era bonito, bem vistoso.
Não tinha ouro ou ornamento
Exceto o cabelo generoso.
"Seu Capitão, leve-me à Terra Santa
Tenho que ver Jesus Cristo."
"Venha junto, pois somos tolos, e é uma mulher
Como não temos visto."
"Ele recompensará. Sou uma pobre garota.

8 Brecht, 2000, p. 10

Minha alma pertence a Jesus."
"Então pode nos dar seu corpo!
Pois o seu senhor não pode pagar:
Ele já morreu, dizem que na cruz."⁹
Eles navegavam com sol e vento
E Evlyn Roe amaram.
Ela comia seu pão e bebia seu vinho
E nisso sempre chorava.
Eles dançavam à noite, dançavam de dia
Não cuidavam do timão.
Evlyn Roe era tímida e suave;
Eles eram duros e sem coração¹⁰

Já cansada, suja e desfigurada, Evelyn Roe questiona ao seu capitão quando chegariam à Terra Santa, mas ele a culpa por nunca terem chegado até lá. Neste momento, a personagem se desesperou ao se deparar com a sua nova imagem, uma mulher que trocou o seu corpo por uma passagem, um corpo agora maculado e pecador que não podia mais ser esposa de Cristo. Mais uma vez se revela o lugar da qualidade, uma vez que a queda em razão dos acontecimentos resultaram em uma imagem maculada, a da prostituta.

Ela dançava à noite, dançava de dia
Até ficar inteiramente esgotada.
Do capitão ao mais novo grumete
Todos estavam dela saciados.
Usava um vestido de seda
Com uns rasgões e remendos
E na frente desfigurada tinha
Uma mecha de cabelos sebertos.
"Nunca Te verei, Jesus
Com esse corpo pecador.
A uma puta qualquer
Não podes dar Teu amor."¹¹

A história apresentada no poema guarda traços de similaridade com a de Santa Maria Egípcíaca, que após uma vida de prostituição e luxúria decide se redimir e, após escutar uma voz que lhe diz para cruzar o Rio Jordão como forma de encontrar um glorioso descanso, retira-se para o deserto como eremita, na busca de resgatar e obter uma melhora na qualidade da imagem.

9 idem

10 Ibidem

11 Brecht, 200, p. 11

De um lado para outro corria
Os pés e o coração lhe começavam a pesar:
Uma noite, já quando ninguém via
Uma noite desceu para o mar.
Isto se deu no fim de janeiro
Ela nadou muito tempo no frio
A temperatura aumenta, os ramos florescem
Somente em março ou abril.
Abandonou-se às ondas escuras
Que a lavaram por dentro e por fora.
Chegará antes à Terra Sagrada
Pois o capitão ainda demora.¹²

Depois de falecer, a protagonista Evlyn Roe ao chegar ao céu é mais uma vez humilhada por homens. Nas alturas, São Pedro, a mando de Deus, recusa a sua entrada no paraíso, por se tratar de uma prostituta, lugar comum derivado do estereótipo sedimentado na crença popular. Igualmente, teve negada a sua entrada no inferno porque o Diabo não aceitava uma beata em seu reino, passagens que revelam mais uma vez o lugar da qualidade permeando as ações dos homens em relação à mulher. Por fim, o poema se encerra com a personagem vagando entre o vento e o espaço, eternamente sem descanso.

Ao chegar ao céu, já na primavera
S. Pedro, na porta, a recusou:
"Deus me disse: Não quero aqui
A prostituta Evlyn Roe."
E ao chegar ao inferno
O portão fechado encontrou:
O Diabo gritou: "Não quero aqui
A beata Evlyn Roe."
Assim vagou no vento e no espaço
E nunca mais parou
Num fim de tarde eu a vi passar no campo:
Tropeçava muito. Não encontrava descanso
A pobre Evlyn Roe.¹³

Portanto, restam claras as críticas de Bertold Brecht ao patriarcalismo e toda a misoginia descendente deste modelo que reiteradamente subjugou, violentou e recusou as mulheres ao longo da história da humanidade que se revelou de forma

12 Idem

13 Ibidem

implícita ao longo do poema com a forma de tratamento que foi dispensada à personagem Evlyn Roe, e no final, pela não aceitação tanto no céu, como no inferno, argumentos estes que o autor buscou na construção do *ethos* feminino ao longo da história para elaborar o poema.

Considerações Finais

O poema analisado esclarece o raciocínio do autor. Com efeito, mediante a interpretação de fato fictício expõe as regras e valores sociais frutos de crenças que resultaram dos objetivos retóricos dos discursos recorrentes no sentido de fazer-crer, para fazer-fazer, dos quais resultou uma imagem da prostituição da mulher, dependente do homem desde a criação. Retrata, ainda, as relações sociais que são estabelecidas e reajustadas, instituem e são instituídas pela cultura.

A análise revela que o autor buscou subsídios em comportamentos criados e aceitos em razão das crenças e opiniões decorrentes das relações sociais. Com isso, revela as estruturas dominantes e dominadas dentro da organização da sociedade e como os atores sociais nela transitam, tendo como foco a idade média, período em que vicejou e se aprofundou o estereótipo negativo ligado à figura feminina. Com o emprego dos lugares comuns, especialmente o lugar da qualidade de forma majoritária, no processo da *inventio*, buscou e empregou os argumentos que sustentaram o seu discurso

Os versos do poema expõem uma sociedade machista e profundamente sexista, onde um homem não teme por sua existência física ou pelo lugar em que ocupa na sociedade; mas as mulheres são mortas, violentadas e expostas. Seus corpos representam o retrato do prazer ou o adágio do pecado, propriedades e mercadorias, vilãs em seus próprios sofrimentos. A cultura patriarcal, em sua face mais brutal e explícita, condiciona a sociedade a reproduzir a ideia de que as mulheres são culpadas por seus “infortúnios”: agressões, assassinatos, estupros e abusos psicológicos; comportamentos, roupas e profissões se apresentam como um convite à violência. A aplicação reiterada do estereótipo e da imagética da mulher prostituta, lasciva e vulgar, é o que mantém aberta as portas da misoginia, e o fomento ao lugar comum da qualidade, empregados nos discursos revelam esse tipo de comportamento, como o que foi objeto de análise no presente trabalho.

Esse processo de estereotipagem se consolidou ao longo dos séculos, com a instituição de uma imagem feminina que transmutou de Deusas para Prostitutas, por meio de recursos discursivos que instituíram no imaginário popular um estereótipo negativo em relação ao feminino, relegado a um mero instrumento de prazer, servil e à disposição dos seus senhores. Assim, instituíram-se lugares comuns, principalmente de qualidade e quantidade, que são empregados, tanto no cotidiano nas relações sociais, como nos discursos críticos nas mais diversas modalidades discursivas, relativos a comportamentos, posturas, e visuais da mulher para justificar os discursos que a respeito delas são proferidos.

Assim, no processo da *inventio*, o autor usou o estereótipo negativo da mulher que foi construída por meio dos lugares comuns, instituídos por discursos que fixaram a imagem negativa feminina ao longo do tempo, principalmente em relação à qualidade da mulher. Portanto, a análise do poema “*A lenda da prostituta Evelyn Roe*” do dramaturgo alemão Bertold Brecht, escrito no início do século XX, fez emergir os elementos que fundamentaram o processo de elaboração do poema, baseado na perpetuação da imagem da mulher, essencialmente ligada à luxúria e sedução.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica. Arte poética**. São Paulo: Ediouro, 1998
- _____. **Tópicos**. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval e a invenção do Amor**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BRECHT, Bertold. 1898-1956. **Poemas 1913-1956**. Bertold Brecht; seleção e tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Ed. 34, 2000.
- CICERO, Marcus Tulio. **Obras Completas De Marco Tulio Cicerón**; Traducidas Del Latin Por D. Marcelino Menendez Pelayo; Marcus Tullius Cicero. Madrid: Librería de Hernando y Compañía, 1899.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DAVID, R. Religion And Magic In Ancient Egypt. Penguin Books, 2003.
- DUBY, Georges. **Eva e os padres**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 168.
- ECO, Humberto. NO nome da rosa
- FARGETE, Séverine. **Eva Lilith e Pandora o mal da sedução**. Revista História Viva. Duetto, n. 12, São Paulo, 2006.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão : princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2017
- GAINES, Howe Janet. **A história de Lilith, a primeira mulher de Adão que foi banida da Bíblia**, 09/04/2012. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/anaoxum/a-histria-de-lilith-a-primeira-mulher-de-ado-que-foi-banida-da-bblia>
- GINER, C. A. “**Entre la tradición clásica y la moral cristiana: la mujer en la obra de San Juan Crisóstomo**”. Antigüedad y cristianismo, n. XIV, p. 135- 149, 1997.
- LIMA, Helcira M. R. de. **Estratégias argumentativas em uma sessão de julgamento de Tribunal do Júri 2001**. 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001
- MUCHEMBLED, Robert. **Com o Diabo na História**. In: Revista História viva: Duetto, n.12, São Paulo, 2006.
- NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002
- Tringali, Dante. **Introdução à Retórica : A Retórica como crítica literária**. São Paulo : Duas Cidades, 1988.
- PERELMAN, Chaïm. OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- PESAVENTO, Sandra J. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, nº. 29, p. 9-27, 1995.